

## **Nossa tarefa – superar a crise de direção**

Em 10 de dezembro, na Bolívia, realizou-se a reunião do Comitê de Enlace. Aprovou-se uma Resolução sobre a situação internacional, foram feitas recomendações às seções e determinadas as tarefas do momento. Discutiu-se o agravamento da crise mundial do capitalismo, analisaram-se suas manifestações particulares na Bolívia, Argentina e Brasil.

As seções avaliaram o acerto das posições da Resolução internacional aprovada na Conferência de agosto de 2011, em que se caracteriza a crise estrutural do capitalismo e a abertura de uma nova etapa da luta de classes mundial. Nos quase quatro meses que decorreram entre a Conferência e a presente reunião, a crise se agravou atingindo duramente a União Europeia e inúmeras manifestações massivas projetaram a luta de classes e indicaram as tendências mais profundas dos explorados em reagir aos ataques da burguesia e às suas condições elementares de existência.

Acontecimentos que ressaltam uma das contradições fundamentais da situação: o capitalismo escala os patamares das crises que desencadearam a 1ª e 2ª Guerras Mundiais e as massas oprimidas se veem instintivamente obrigadas a se defenderem por meio da ação direta, porém padecem da crise histórica de direção - está ausente em suas lutas a política revolucionária do proletariado.

Certamente, não se trata de uma nova contradição e de um novo fenômeno. A degeneração do Partido Comunista Russo pelo estalinismo, as suas traições ao proletariado, a destruição da III Internacional e o sangrento combate à Oposição de Esquerda liderada por Leon Trotsky recuaram brutalmente os avanços revolucionários em escala mundial e provocaram a “crise histórica da direção do proletariado”, como reconhece o Programa de Transição da IV Internacional, logo em suas primeiras linhas.

A burguesia imperialista espalhou o entusiasmo de que restauração burguesa na ex-União Soviética, a derrubada do Muro de Berlim, o encaminhamento da China para a economia de mercado, o esgotamento das experiências “comunistas” no Leste Europeu, a desintegração do bloco soviético e o fim da “guerra fria” comprovavam a superioridade do capitalismo e a impossibilidade do comunismo. A reincorporação dos países que expropriaram a burguesia por meio de revoluções sociais permitiria uma nova ordem mundial, um salto econômico, uma aproximação cooperativa entre as nações e uma política voltada para a estabilidade, a ordem e a paz.

Nesses vinte anos de restauração, no entanto, o capitalismo não fez senão acumular e potencializar suas contradições estruturais. A “nova ordem” anunciada não passou de máscara ideológica da velha ordem que se mostrou integralmente na bancarrota econômico-financeira de 1929, no surgimento do nazifascismo, na 2ª Guerra Mundial e na traição estalinista.

A União Soviética se desintegrou sob as forças restauradoras burguesas, abriram-se caminhos para antigos conflitos de nacionalidades, retomou-se a relação de opressão nacional e desencadearam-se intervenções militares. O Leste Europeu foi incorporado na órbita da Alemanha, França e Inglaterra imperialistas, o que resultou em gigantesca regressão social.

A ascensão econômica da China sob a forma de capitalismo de Estado implicou reconstituir as odiosas diferenciações de classe, a intensificar a opressão sobre milhões de camponeses e a colocar o colossal proletariado na condição de escravo moderno. É preciso destacar a particularidade da restauração que a coloca no epicentro da crise mundial, cujos desdobramentos ainda estão por vir.

O imperialismo encontrou condições para aumentar suas pressões sobre o processo de restauração e para atuar econômico e militarmente em regiões antes impenetráveis.

A “nova ordem” emergiu sob a marca do intervencionismo militar dos Estados Unidos e seus aliados europeus. A escandalosa mentira do governo norte-americano para intervir no Iraque, alegando a necessidade de impedir a produção de armas químicas e nucleares, dá bem a medida em qual ordem o capitalismo se encontra. Afeganistão, Iraque e recentemente a Líbia testemunham o vigor das tendências bélicas encarnadas pelo imperialismo.

Se o governo do Irã não capitular diante da exigência das potências e de Israel de submeter suas usinas nucleares aos ditames do imperialismo, é bem possível que tenha de enfrentar um ataque militar. Também é possível que a Síria seja colocada diante de uma intervenção, como a da Líbia. O assassinato de Osama bin Laden no Afeganistão configurou uma operação clandestina. Evidenciou que o imperialismo pratica o terrorismo de Estado e o método de assassinar lideranças consideradas inimigas dos Estados Unidos. A burguesia imperialista tem se mostrado à vontade para pisotear a autodeterminação das nações semicoloniais.

Na América Latina, a Colômbia se transformou em base militar dos Estados Unidos. O ataque e as mortes de militantes das Farc em território equatoriano constituíram uma clara violação da soberania do Equador.

As intervenções e mortandades expressam a proliferação da barbárie capitalista. Essa via de dominação, de controle de riquezas naturais, de expansão e de destruição de forças produtivas, vem sendo potenciada pela crise e declínio das potências.

O curso da crise mundial iniciada em 2007 nos Estados Unidos, que eclodiu em fins de 2008, não pôde ser estancado. As potências, com todo seu poderio financeiro, não têm como escapar da bancarrota apenas com medidas fiscais, monetárias, cambiais e administrativas. Trilhões foram despendidos pelos Tesouros Nacionais para salvar bancos, empresas e grandes empreendimentos. Protelaram, em certa medida, as quebras financeiras, industriais e comerciais. Mas resultaram em aumento insustentável das chamadas “dívidas soberanas”.

A crise na Europa mostra países inteiros falidos, da pequena Grécia à portentosa Itália. E a situação não é boa na França e Inglaterra. De maneira que a União Europeia e a Zona do Euro, concebidas para desafogar as forças produtivas encarceradas pelas relações de produção e pelas fronteiras nacionais, afundam sem que as soluções apresentadas pela Alemanha e França revertam o quadro de desintegração. A pretensa unidade confederativa cede passagem às forças centrífugas, que acirraram o choque da diretriz centralista-autoritária da Alemanha e França com o que resta de soberania da maioria dos demais integrantes.

Observa-se que a crise se avolumou e empurrará a classe capitalista a destruir maciçamente forças produtivas. A classe operária, a pequena burguesia e a juventude oprimida estão diante do precipício do desemprego, do trabalho precarizado, do rebaixamento salarial, do ataque à Previdência Social e da perda de conquistas sociais. A tão propalada superioridade da democracia burguesa mostra seus dentes contra o movimento das massas. Os Planos concebidos pela oligarquia financeira para que os governos os apliquem são impostos à força.

Uma das características da situação mundial é que os explorados se chocam ou tendem a se chocar diretamente contra os governos que lhes ditam medidas anti-operárias e antipopulares. A crise e a política econômica os colocam frente a frente com a classe capitalista. Expõem o parasitismo da burguesia e seu esgotamento histórico como classe dominante. O Comitê de Enlace extrai essa afirmação da situação objetiva. Mas é preciso ter claro que as massas se deparam com a crise de direção. As necessidades que as impulsionam à luta coletiva não se convertem em estratégia revolucionária. As direções burocráticas e traidoras que controlam os sindicatos canalizam as revoltas instintivas para a política de colaboração com a classe dos exploradores.

Os levantes revolucionários em países árabes do Norte da África e Oriente Médio expõem o heroísmo das massas em enfrentar as ditaduras e as monarquias feudais-burguesas, mas não podem

impor suas aspirações democráticas, uma vez que estão condicionadas por direções burguesas e pequeno-burguesas. Vivemos a época do capitalismo imperialista em que não há mais possibilidade de revoluções democrático-burguesas. No entanto, os países semicoloniais, como são a Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen e outros, por serem de capitalismo atrasado, conservam tarefas democráticas não resolvidas, entre elas a conquista da independência nacional diante do imperialismo. Sem a direção de um partido marxista-leninista-trotskyista que conduza o levante à revolução proletária, não é possível solucionar as tarefas democráticas. A revolução democrática sob um governo revolucionário se converte em revolução proletária. Eis por que é essencial lutar no seio das massas desenvolvendo o levante democrático sob a estratégia da revolução e ditaduras proletárias.

A explosão de movimentos nos países árabes ocorre nas entranhas do capitalismo imperialista em decomposição e na particular situação em que se manifesta a crise estrutural do capitalismo. As potências intervêm mais ou menos abertamente para desviar e sufocar os levantes democráticos, para que não assumam o conteúdo anti-imperialista e a não se voltem contra a feudal-burguesia árabe servil ao capital internacional. Por sua vez, o movimento de resistência das massas na Europa expressa diretamente o confronto do proletariado e da pequena-burguesia contra a oligarquia capitalista que saqueia e oprime os povos semicoloniais. A conjunção da rebelião das massas árabes com a resistência das massas europeias constitui um fator novo na situação mundial que estabelece um marco na atual etapa da luta de classes mundial.

As bandeiras democráticas e anti-imperialistas que emergem dos combates nos países árabes conflagrados confluem com as bandeiras mais elementares de defesa das condições de vida das massas europeias. A realidade da luta de classes nos países capitalistas mais avançados e dos povos oprimidos nas semicolônias coloca em plena luz do dia a atualidade e vitalidade do Programa de Transição da IV Internacional de 1938. Não apenas o seu método que consiste em ligar as reivindicações transitórias à estratégia da revolução socialista, mas também suas bandeiras e formulações se sobressaltam diante dos embates das massas contra a barbárie capitalista que avança. Não obstante, dramaticamente coloca para o proletariado e sua vanguarda a possibilidade dos capitalistas prolongarem a agonia de seu regime de exploração do trabalho por meio de catástrofes sociais, caso não se resolva a crise de direção.

O Comitê de Enlace tem a compreensão sobre a necessidade de reconstruir a IV Internacional, trabalhando pela aplicação do Programa de Transição nas condições da crise mundial e nas condições particulares da luta de classes em cada país. As economias nacionais refratam a economia mundial. Com a manifestação do choque entre as forças produtivas e as relações de produção, bem como entre as fronteiras nacionais e o mercado internacional, torna-se mais evidente que a ordem mundial capitalista que desmorona se sobrepõe e determina a situação de todos os países. Assim entendemos o desenvolvimento dos acontecimentos na Bolívia, Argentina, Brasil e América Latina.

O Comitê de Enlace, por ser um embrião de reconstrução da IV Internacional, se move de acordo com a compreensão de seus limites organizativos e intervém com o Programa de Transição na luta de classes internacional. Contando com a possibilidade de a crise e os combates dos explorados constituírem uma nova geração de revolucionários e reagruparem o que resta de melhor da antiga.

O Comitê de Enlace chama a atenção para o estado avançado da crise política na Bolívia sob o governo do embusteiro MAS. Assinala a importância decisiva de apoiar internacionalmente o Partido Operário Revolucionário (POR) em sua tarefa de conquistar a direção das massas, objetivando levá-las ao poder pela revolução proletária. Coloca-se por fortalecer o trabalho de construção do partido marxista-leninista-trotskyista na Argentina e Brasil, bem como criar as condições para organizar a militância abnegada que desperta na América Latina sob o impacto da crise mundial.

Viva a reconstrução da IV Internacional, sob o Programa de Transição!

Trabalhemos pela superação da crise de direção!

10 de dezembro de 2011